

«Eu vou contar uma história, uma história de espantar»

*A poesia está na luta dos homens,
está nos olhos abertos para amanhã.*

Mário Dionísio,
*Arte Poética**

Os autores do Neorrealismo Português e do Romance Modernista do Regionalismo Brasileiro dos anos 30 pareciam crer que a arte deveria ter um compromisso com o humano, e investiram assim numa literatura fundada em questões sociais, embora soubessem, cada um a seu modo, que este engajamento não implicaria em um discurso ideológico pronto, mas em prática subversiva da linguagem. Hoje sabemos que o Neorrealismo injetou na literatura portuguesa questões éticas de tal importância que, apesar das polêmicas em que se viu envolvido, estabeleceu-se como *tradição*, a ponto de servir como base para saudáveis metamorfoses empreendidas pelas gerações vindouras. Sabemos também da íntima relação entre essa geração portuguesa e a Literatura Brasileira de autores como Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Lins do Rego e Graciliano Ramos.

Assim, no âmbito das comemorações dos Centenários de Nascimento de dois dos principais expoentes do Neorrealismo em Portugal, notadamente Alves Redol e Manuel da Fonseca, ambos nascidos em 1911, e ainda, com a proximidade do Centenário de Nascimento de Jorge Amado, autor brasileiro nascido em 1912, cuja obra muito influenciou as primeiras manifestações neorrealistas em Portugal, a revista *Metamorfoses* homenageia esses grandes autores da Literatura em Língua Portuguesa, resgatando-lhes alguns retratos de suas vastas e consagradas obras.

Se é certo que esses autores procuraram uma arte não centrada no sujeito individual, mas sim no olhar sobre o coletivo, dando voz ao drama de figuras marginais, procurou-se fazer ouvir nesse *Dossiê* uma certa diversidade de vozes a respeito de cada um dos autores. Assim, ele apresenta não apenas o olhar de pesquisadores da atualidade em quatro textos críticos, mas também uma série de textos e comentários sucintos enviados à revista por estudiosos, professores, críticos e também

*DIONÍSIO, Mário. *Poemas*. Coimbra: Coimbra Editora, 1941, p. 51.

por amigos ou familiares dos autores, ou ainda recortados de obras anteriores nas quais ficou registrado o olhar de companheiros de atividade literária. Procurou-se também citar alguma parte da obra do autor ou suas palavras em entrevistas ou prefácios de obras, com o intuito de deixar que sejam sempre as suas vozes os condutores dessa nova *viagem* pelos caminhos de uma arte que não desistiu de ser um grito lançado contra todas as formas de exploração e de interdição da vida.

Faz-se imprescindível agradecer e assinalar aqui o apoio de familiares dos autores, nomeadamente: o Sr. António Mota Redol, filho do escritor Alves Redol, que amavelmente nos enviou uma biobibliografia a respeito de seu pai e fotos dele com os outros autores; também o Sr. Artur da Fonseca, irmão de Manuel da Fonseca, que muito contribuiu nos enviando crônicas sobre a vida do autor, fotografias, biografia e outros comentários de apoio; e, ainda, a Sra. escritora Myriam Fraga, diretora da Fundação Jorge Amado, que gentilmente cedeu-nos seu depoimento e a fotografia do autor. Cabe lembrar também a generosa contribuição da Casa da Achada – Centro Mário Dionísio –, nas pessoas da escritora Eduarda Dionísio, e de Diana Dionísio, enviando-nos vários arquivos digitalizados com estudos de Mário Dionísio sobre a obra dos três autores. Infelizmente, é preciso fazer recortes, e muito desse material não pode ser citado, cabendo-nos a opção de representá-lo metonimicamente através de um deles, para cada autor. Agradecemos a ajuda da investigadora Violante F. Magalhães, do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e uma das organizadoras do Congresso Internacional em homenagem a Manuel da Fonseca, «Por todas as estradas do mundo», pela intermediação de contatos com os familiares dos autores e com outros estudiosos portugueses. Da mesma forma, é preciso lembrar do apoio da professora e pesquisadora Teresa Cristina Cerdeira da Silva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, remetendo-nos aos nomes e aos contatos de estudiosos da Literatura Portuguesa cujas vozes não poderiam faltar nessa singela homenagem. Por fim, assinalamos o apoio do professor e escritor Antonio Carlos Secchin, que nos colocou em contato com estudiosos e tradutores da obra de Jorge Amado.

«Eu vou contar uma história, uma história de espantar», diz o romanceiro popular citado pelo narrador de Jorge Amado como epígrafe ao romance *Terras do Sem Fim*. Iniciemos então essa *história* que vai encontrar camponeses, senhores de terra, meninos de bibe e pião, mulheres oprimidas pela prática social, malteses, prostitutas, vagabundos, bêbados, mestres de saveiros, e outros tantos personagens de um universo em que a arte se faz denúncia, sem se esquecer de que sempre é preciso continuar a sonhar.

Exijo para mim a saudável simplicidade de reenunciar as necessidades primárias do homem português alienado pela servidão, pela suspeita e pelo medo, sem que me perturbem os rótulos que cada qual deseje emprestar-me. As verdades profundas e urgentes são muito lineares, em certas épocas. A autêntica vanguarda literária está nos que souberem chapá-las a corrosivo nos lombos da besta. Só por isso o neorealismo é uma posição de vanguarda, embora lhe cumpra herdar, como já foi dito, o mais significativo de todas as correntes estéticas, depurando-as e recriando-as, de maneira a ser a síntese constante e dialética deste mundo sempre feito de mudança.

ALVES REDOL

À maneira de Prefácio. 2 de março de 1963.

In: *Fanga*, 12.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2011, p. 10.

Custa muito escrever. De mim falo. O que se vai construir com palavras nasce sempre, aliás como tudo o que o homem constrói, de dezenas de anos – a idade de quem escreve no momento em que escreve – da experiência vivida até esse momento, mesmo quando escreva sobre acontecimentos e seres recentemente conhecidos. A escrita só resulta, de mim continuo a falar, quando, do denso núcleo dessa experiência, o pormenor descoberto se transforma no essencial da construção.

MANUEL DA FONSECA

Prefácio à 5.^a edição de *Cerromaior*.

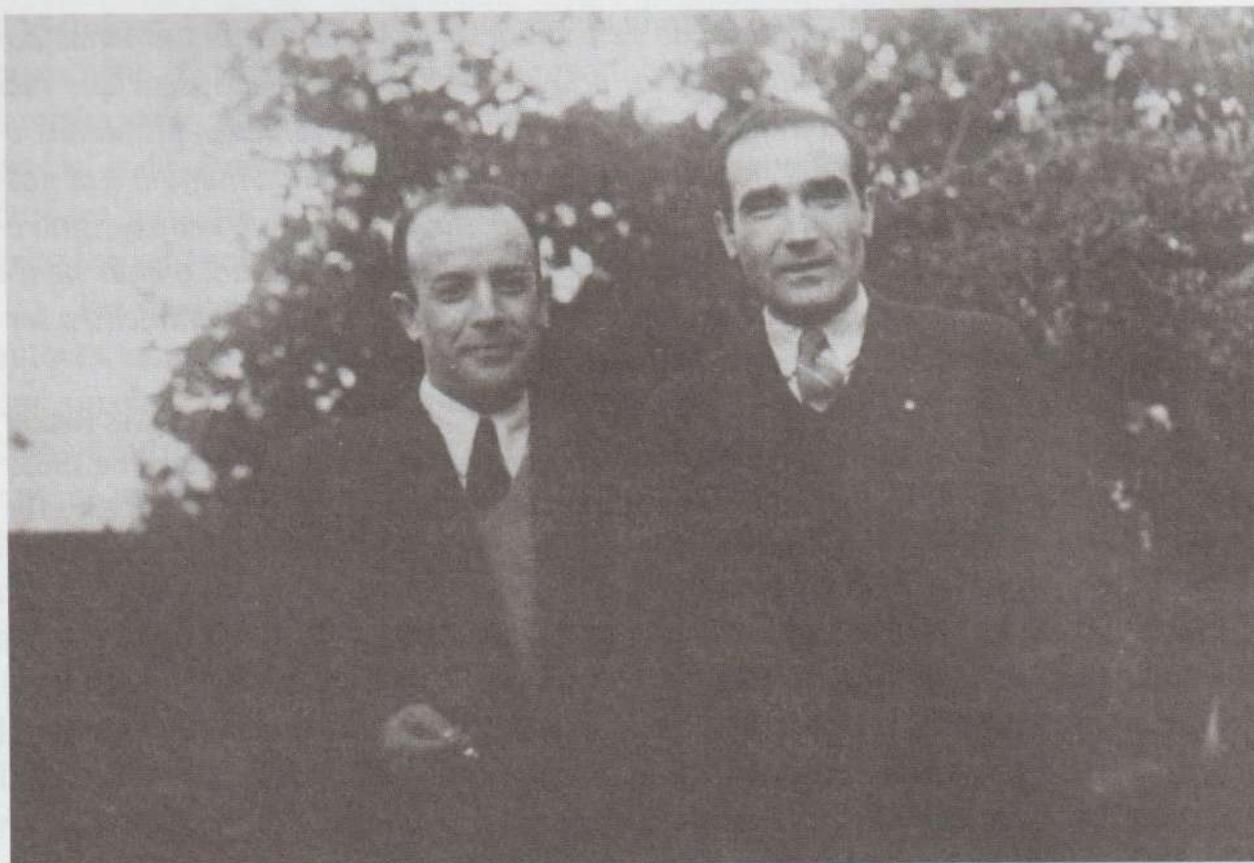
Lisboa: Editorial Caminho, 1982.

Hoje olho para os livros que escrevi naquela época e acho que fui um romancista sobretudo dos desprotegidos, dos vagabundos. Porque no Brasil daquela época não existia proletariado. [...] Há uma única linha de unidade em meus livros, que é a fidelidade ao povo. Ao povo mais que qualquer outra coisa. Sempre tive uma perspectiva não propriamente de classe, mas de povo em sua totalidade. [...]

Nos meus livros, o herói é cada vez mais o homem pobre, o que está colocado mais baixo da escala social. Minha experiência de vida me levou a ter grande desconfiança dos grandes heróis, dos grandes homens, sobretudo daquilo que significa o poder. O poder é coisa mais corruptora, mais degradante que existe.

JORGE AMADO

In: MOTA, Lourenço Dantas. «Há uma única linha de unidade em meus livros, que é a fidelidade ao povo», entrevista ao *Estado de São Paulo*. 17-05-81, p. 2, Ano V, N.º 49.



Os amigos Manuel da Fonseca e Alves Redol.

Foto gentilmente cedida por António Mota Redol, filho de Alves Redol.



Alves Redol com Jorge Amado, Ferreira de Castro, Urbano Tavares Rodrigues, Orlando da Costa e Alexandre Cabral.

Foto gentilmente cedida por António Mota Redol.